

## **O PAPEL DA ETIÓPIA NO CHIFRE DA ÁFRICA: UMA POTÊNCIA REGIONAL CAPAZ DE IMPOR A PAZ?**

The role of Ethiopia in the Horn of Africa: a regional  
power capable of imposing peace?

*Marco Cepik<sup>1</sup>*  
*Luiza Schneider<sup>2</sup>*

### **Introdução**

O Chifre da África é atualmente uma das zonas mais instáveis do Sistema Internacional, não apenas pelas secas e pelos graves problemas sócio-econômicos, mas também devido a um elevado número de conflitos. Esses conflitos, no entanto, não podem ser vistos como ocorrências isoladas. Eles são resultado de processos que ocorreram por todo o continente, assim como respondem à dinâmica regional e aos contextos individuais de cada Estado. Com a intervenção de potências externas ao continente cada vez mais desacreditada, a ação de países importantes em cada região se torna imprescindível para a garantia e/ou melhoria da estabilidade. É nesse sentido que entendemos a presença da Etiópia no Chifre da África.

Sendo assim, entre 2006 e 2008, a Etiópia ocupou a Somália, na tentativa de degradar as capacidades combatentes e políticas das Cortes Islâmicas naquele país e de legitimar um novo governo. Apesar da clara interferência norte-americana naquela invasão, a Etiópia mostrou sua força não só como país aliado dos Estados Unidos, mas também como Estado relativamente capaz e consciente das ameaças regionais, mobilizando meios próprios para a consecução de objetivos. Como aponta MOHAMMED (2007), “*embora pobre, a Etiópia tem uma longa história de Estado,*

---

<sup>1</sup> Pesquisador do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NERINT/UFRGS). [marco.cepik@ufrgs.br](mailto:marco.cepik@ufrgs.br)

<sup>2</sup> Membro do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NERINT/UFRGS). [luiza.schneider@gmail.com](mailto:luiza.schneider@gmail.com)

*uma consciente identidade nacional e uma tradição militar, que juntos significam que o país é capaz de perseguir um interesse nacional claramente concebido.”* Por outro lado, a inação etíope no Sudão e, de certa forma na Eritréia, mostra os limites dessa projeção regional e o quanto as fragilidades internas do país influenciam sua ação externa.

### **A invasão da Somália pela Etiópia (2006-2008)**

Desde o fim do governo de Siad Barré, em 1991, passando pela mal-fadada intervenção da ONU nos anos subsequentes, não foi possível estabelecer uma autoridade crível na Somália. Muitas vezes apontada como o epítome dos “estados falidos”, a “comunidade política” se fragmentou em diversos clãs, apesar da homogeneidade étnica, religiosa e linguística do país. Em 2002, com o apoio da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD, sigla em inglês), uma organização regional importante no Chifre da África, chegou-se a um acordo que estabeleceria, em 2004, um Parlamento Federal Transitório (TFP, sigla em inglês). Em 2005, o Governo Federal Transitório (TFG, sigla em inglês) foi criado. No entanto, a partir de 2006, este governo começou a ser ameaçado pela União das Cortes Islâmicas (UIC, sigla em inglês), um agregado relativamente heterogêneo de juízes islâmicos e grupos militantes mais ou menos fundamentalistas, os quais, a partir de Mogadishu começaram a controlar partes importantes do país. Procurando preencher o vácuo de poder deixado desde o fim do governo de Siad Barré, as Cortes Islâmicas deram às regiões por elas controladas na Somália uma estabilidade já rara naquele país.

Entretanto, as Cortes Islâmicas eram objeto de apreensão por parte dos países vizinhos e também dos Estados Unidos. Mesmo com a presença de facções moderadas, a existência de algumas facções mais extremistas – em especial o grupo jovem, al-Shabaab – transformou as UIC em alvo regional e mesmo internacional. Na região, o equilíbrio entre o Islã e outras religiões, como o Cristianismo, é muito delicado e todos os países tem que lidar com divisões religiosas importantes, à exceção da própria Somália. Na Etiópia, esse equilíbrio talvez seja o mais complicado pois, apesar da

tradição cristã, aproximadamente 30% da população é muçulmana.<sup>3</sup>

Além disso, outras razões também foram importantes na decisão etíope de invadir a Somália em dezembro de 2006. A existência de um governo ‘nacionalista’ na Somália poderia fomentar novamente a idéia de uma Grande Somália e da conquista do Deserto de Ogaden, objeto de uma guerra entre os dois países em 1977-1978. Ademais, desde a deterioração das relações com a Eritreia, em meados da década de 1990, a Somália foi utilizada pelo país para desestabilização etíope. Conforme o *White Paper* etíope publicado em 2002, podemos perceber três claros anéis concêntricos na política externa do país: o primeiro, mais amplo, seria o antagonismo com o Egito e as preocupações quanto a um Estado Islâmico militante na região. O segundo anel seria composto pelos demais países vizinhos, que poderiam ameaçar o país imediatamente, por meio de invasões ou de desestabilização via patrocínio de grupos rebeldes. Por fim, no anel mais interno, as questões de fronteira não resolvidas.

Estas foram algumas das razões pelas quais a Etiópia decidiu invadir o país vizinho em dezembro de 2006, com apoio tácito e auxílio militar dos Estados Unidos. Os etíopes enviaram aproximadamente 20.000 tropas para o território somali e se tornaram a principal garantia da manutenção do governo transitório (TFG). Em um primeiro momento, a ocupação foi bem-sucedida, e a autoridade do governo foi restabelecida em parte significativa do centro e do sul da Somália, com as Cortes Islâmicas (UIC) tendo perdido o controle de Mogadishu e da maior parte do território anteriormente sob seu controle. Os tanques, aviões e tropas etíopes fizeram a diferença contra um movimento relativamente mal-preparado do ponto de vista militar.

No entanto, apesar da estabilidade inicial, a invasão não trouxe bons dividendos para a Etiópia e mesmo para os Estados Unidos. Com a permanência de grande parte das tropas até o final de 2008 e o início da retirada dos remanescentes em 2009, aqueles grupos moderados que se recusaram a lutar contra a Etiópia, em 2006, ficaram cada vez mais alienados do TFG. De força estabilizadora, o exército etíope passou a ser visto como protagonista de uma ocupação com apoio norte-americano. Assim, desde 2009, o

---

<sup>3</sup> O Sudão, apesar de divisões religiosas mais significativas, não busca uma solução negociada para essas divisões

TFG sofre dificuldades crescentes para se manter no poder, sendo atacado não apenas pelas UIC, mas também por facções que antes tinham posições mais moderadas. Além disso, o que antes era apenas um temor dos norte-americanos se tornou realidade. Com a invasão, o al-Shabaab se radicalizou ainda mais e estabeleceu laços diretos com a al-Qaeda, transformando a Somália não apenas em local de treinamento, mas também como símbolo da resistência islâmica aos Estados Unidos. Assim, em 2010 os Estados Unidos começaram a apoiar as facções moderadas que eles ajudaram a Etiópia a retirar do poder – claro sinal da falência da operação.

Ademais, com a contínua falência em estabelecer algum tipo de autoridade no país, outro fenômeno também voltou as atenções para a Somália. Entre 2008 e 2009, a atividade pirata no Golfo de Aden aumentou consideravelmente. Piratas situados na costa somali começaram a sequestrar navios ocidentais com cargas preciosas, como petróleo. Sequestros de tripulações estrangeiras, seguidos de pedidos de resgate, se tornaram comuns na região. A ausência de autoridade e de qualquer mecanismo de sobrevivência econômica na Somália eram as principais causas disso.

A invasão etíope da Somália não foi, portanto, bem-sucedida. Os principais erros parecem residir na falta de legitimidade da intervenção de um país sozinho, assim como na aliança quase declarada com os Estados Unidos. Tudo indica que uma ação mais concertada entre os países da região – e mesmo do continente – e com a participação expressa da IGAD teria minimizado as chances da ligação da al-Shabaab com a al-Qaeda, assim como da alienação das facções mais moderadas das UIC.

Por outro lado, a intervenção mostrou que, mesmo com índices sócio-econômicos bastante críticos, a Etiópia é capaz de atuar como potência estabilizadora na região, isto é, tem logística e material para isso. Novamente, em uma ação concertada e politicamente negociada com os países da região, isso pode ajudar na estabilização da região como um todo.

É claro, contudo, que a Etiópia não conseguiu sustentar sua presença por mais de dois anos. Além do fardo econômico-financeiro que a intervenção representou, o governo etíope percebeu que sua permanência começava a dar um caráter negativo ao TFG. Se, por um lado, a ocupação da Somália mostra como a Etiópia – com mais

concertação política – poderia assumir o posto de potência regional, esses limites da ação ficam claros ao perceber sua postura no Sudão.

### **A crise no Sudão**

Em guerra civil praticamente desde sua independência, em 1956, o Sudão sempre foi um ponto de desestabilização regional. Mais recentemente, o Sudão tem aparecido na mídia por duas situações diferentes: o conflito no Darfur, que eclodiu em 2003, e o processo de paz com o Sul, cuja última novidade foram as eleições realizadas em abril de 2010. No caso do Darfur, a Etiópia prefere manter-se neutra, em suma porque a região não afeta tanto seus cálculos estratégicos – se localiza na fronteira do Sudão com o Chade.

Já no caso do conflito entre Norte e Sul, a Etiópia teve um importante papel. A partir da chegada ao poder dos comunistas e do estabelecimento do regime de Mengistu em Adis Abeba, as relações entre os dois países pioraram ao entrar na dinâmica da Guerra Fria. Por um lado, o governo etíope passou a financiar o Sudan People's Liberation Movement/Army (SPLM/A, sigla em inglês), tendo a relação entre Mengistu e John Garang, líder do movimento, chegado ao ponto de uma “aliança pessoal” (Johnson, 2004). O governo do Sudão, por sua vez, financiava grupos insurgentes no país vizinho, principalmente os grupos insurgentes da Eritreia (tanto o Eritrean Liberation Front – ELF, quanto o Eritrean Peoples Liberation Front - EPLF) e do Deserto de Ogaden (como o Ogaden National Liberation Front - ONLF).

Com a queda do regime comunista e a chegada ao poder do grupo apoiado por Cartum, as relações logo melhoraram. O apoio etíope ao SPLM/A foi cancelado e as relações entre os dois países têm melhorado progressivamente, principalmente devido a uma posição cada vez mais radicalizada de um vizinho de ambos, a Eritreia. Além disso, desde os ataques do 11 de setembro o governo de Cartum reduziu significativamente o apoio que dava a grupos islâmicos radicais, temendo uma possível intervenção norte-americana. Mais recentemente, a postura do governo de Cartum teve outra mudança significativa. Com a perspectiva de um referendo em 2011, na qual pode ser decidida a independência do Sul, o Norte passou a ter uma postura menos conflitiva,

tentando minimizar as chances de secessão – o que dificilmente conseguirá.

Sendo assim, com a diminuição relativa das ameaças por parte do Sudão, e cada vez mais envolvida com a Somália, a Etiópia reduziu significativamente sua ação no vizinho ocidental. Além de uma participação pouco enfática nas negociações diplomáticas, a Etiópia não consta entre os contribuintes de nenhuma das missões atuantes no Sudão atualmente, nem na AMIS (Missão da União Africana) e tampouco na UNMIS (Missão da ONU, a ser integrada à AMIS). Tal posicionamento é devido aos limites da ação regional etíope.

A intervenção na Somália e as difíceis relações com a Eritreia consomem a atenção e os recursos que a Etiópia possui para engendrar alguma ação regional. Sendo assim, o país se vê constrangido a reduzir os pontos de contato/atrito com um vizinho relativamente poderoso como o Sudão. Além disso, o processo eleitoral relativamente pacífico e a própria política de concertação engendrada por Cartum, em uma clara tentativa de minimizar as chances de independência do Sul no referendo de 2011, diminuem as ameaças colocadas por este vizinho para Adis Abeba.

## **Conclusão**

Tentamos demonstrar neste artigo que a Etiópia consegue realizar um papel estabilizador, principalmente quando a instabilidade regional se conjuga a uma ameaça direta a sua unidade e integridade nacional. A ascensão das UIC foi percebida como uma ameaça direta à sua integridade, o que levou a Etiópia a aceitar o desafio norte-americano de intervir na Somália. Por outro lado, no caso sudanês, os custos de uma intervenção são maiores e as ameaças representadas por Cartum, neste momento, menores. Nesse sentido, verifica-se uma diminuição do envolvimento etíope no caso sudanês. Pelo tamanho de suas forças armadas e capacidade de projeção de poder, a Etiópia pode e deve ser considerada uma potência regional, mas a análise de sua atuação ao longo dos últimos dois anos também demonstra claramente os limites da ação externa de países debilitados como aqueles do Chifre da África.

## REFERÊNCIAS

JANE's (2009). *Somalia: Country Profile*.

JOHNSON, Douglas. (2004). *The root causes of Sudan's civil wars*. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

MOHAMMED, Abdul. (2007). *Ethiopia's Strategic Dilemma in the Horn of Africa*. Social Science Research Council (SSRC). Disponível em: [http://hornofafrica.ssrc.org/Abdul\\_Mohammed/](http://hornofafrica.ssrc.org/Abdul_Mohammed/). Acessado em: 7 de agosto de 2010.

## **RESUMO**

O Chifre da África é atualmente uma das zonas mais instáveis do Sistema Internacional, não apenas pelas secas e pelos graves problemas sócio-econômicos, mas também devido a um elevado número de conflitos. Esses conflitos, no entanto, não podem ser vistos como ocorrências isoladas. Eles são resultado de processos que ocorreram por todo o continente, assim como respondem à dinâmica regional e aos contextos individuais de cada Estado. Com a intervenção de potências externas ao continente cada vez mais desacreditada, a ação de países importantes em cada região se torna imprescindível para a garantia e/ou melhoria da estabilidade. É nesse sentido que entendemos a presença da Etiópia no Chifre da África.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Etiópia; Chifre da África; Conflitos.

## **ABSTRACT**

The Horn of Africa is now one of the most unstable zones of the International System, not only because of droughts and of serious socio-economic problems, but also due to a high number of conflicts. These conflicts, however, cannot be seen as isolated occurrences. They are the result of processes that have occurred across the continent, as well as responses to regional dynamics and contexts of each individual State. With the intervention of foreign powers on the continent increasingly discredited, the action of major countries in each region becomes essential to guarantee and/or enhance stability. It is in this sense that we comprehend the presence of Ethiopia in the Horn of Africa

## **KEYWORDS**

Ethiopia; Horn of Africa; Conflict.